

**AS EDIÇÕES DAS TRADUÇÕES DA *COMMEDIA*  
DANTESCA NO BRASIL DO SÉCULO XX:  
TRADUTORES E PREFACIADORES**

**Le edizioni delle traduzioni della *Commedia* dantesca  
in Brasile nel XX secolo: traduttori e prefatori**

**The Translated Editions of Dante's *Commedia* in Brazil  
in the 20th Century: Translators and Preface Writers**

**FERNANDA MORO CECHINEL \***  
**SILVANA DE GASPARI \*\***

**RESUMO:** A obra *Commedia*, escrita pelo florentino Dante Alighieri provavelmente no início do século XIV, na ainda não unificada Itália, teve sua primeira versão pública traduzida para o português no Brasil, acredita-se, por volta dos anos 1843, na cidade do Rio de Janeiro, a partir da obra *Ramalhete poético do parnaso italiano*, do médico, poeta e tradutor Luiz Vicente De Simoni (HEISE, 2007). No entanto, foi no século XX que a obra ganhou diversas traduções e edições em solo brasileiro. Este artigo visa a dar continuidade à publicização de alguns dos resultados obtidos na pesquisa, em nível de doutorado, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com bolsa Capes/DS. Em linhas gerais, a pesquisa versa sobre o papel de alguns paratextos (GENETTE, 2009), a saber: prefácio, posfácio, quarta capa e orelha, na leitura de uma obra literária. Contudo, nosso objetivo com este texto será apresentar um panorama das edições brasileiras da *Commedia* dantesca no século XX, tendo por base seus

\*Pós-doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
fernandamcechinel@gmail.com (ORCID: 0000-0002-0697-2869)

\*\*Professora titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
silvanadegaspari@gmail.com (ORCID: 0000-0002-6276-8723)



tradutores e prefaciadores. Nesta etapa da pesquisa, selecionamos 13 edições, que foram catalogadas pelo Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana Traduzida no Brasil (DBLIT). Com base nas informações obtidas a respeito dos tradutores e prefaciadores coletadas, em sua maioria, através dos materiais paratextuais presentes nas próprias edições pesquisadas, buscaremos traçar um perfil inicial dessas publicações, pensando nos pontos de contato e nas divergências existentes entre elas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Commedia*; Século XX; Edições brasileiras; Tradutores; Prefaciadores.

**ABSTRACT:** L'opera *Commedia* scritta dal fiorentino Dante Alighieri probabilmente all'inizio del XIV secolo, nell'Italia ancora non unificata, ebbe la sua prima versione pubblica tradotta in portoghese nel Brasile, si crede, intorno agli anni 1843, nella città di Rio de Janeiro, nell'opera *Ramalhete poético do parnaso italiano*, del medico, poeta e traduttore Luiz Vicente De Simoni (HEISE, 2007). Tuttavia, è stato nel XX secolo che l'opera ha ottenuto diverse traduzioni ed edizioni sul suolo brasiliano. L'intento di questo articolo è continuare la pubblicizzazione di alcuni dei risultati ottenuti nella ricerca, a livello di dottorato, che è in fase di sviluppo nel *Programa de Pós-Graduação em Literatura* (PPGLit) dell'*Universidade Federal de Santa Catarina* (UFSC), con borsa di ricerca Capes/DS. In linee generali, la ricerca affronta il ruolo di alcuni paratesti (GENETTE, 2009), cioè: prefazione, postfazione, quarta di copertina e aletta, nella lettura di un'opera letteraria. Tuttavia, nostro obiettivo con questo testo sarà presentare un panorama delle edizioni brasiliane della *Commedia* dantesca nel XX secolo, basata sui suoi traduttori e prefatori. In questa fase della ricerca, abbiamo selezionato 13 edizioni, che sono state catalogate dal Dizionario Bibliografico della Letteratura Italiana Tradotta in Brasile (DBLIT). Basati sulle informazioni ottenute sui traduttori e prefatori raccolte nella sua maggioranza attraverso i materiali paratestuali presenti nelle stesse edizioni ricercate, cercheremo di tracciare un profilo iniziale di queste pubblicazioni, pensando ai punti di contatto e alle divergenze che esistono tra loro.

**PAROLE CHIAVE:** *Commedia*; XX secolo; Edizioni brasiliane; Traduttori; Prefatori.

**ABSTRACT:** The work *Commedia*, written by the Florentine Dante Alighieri probably at the beginning of the 14<sup>th</sup> century, in the not yet unified Italy, had its first public version translated to Portuguese in Brazil, it is believed, around

1843, in the city of Rio de Janeiro, in the work *Ramalhete poético do parnaso italiano*, by the doctor, poet, and translator Luiz Vicente De Simoni (HEISE, 2007). However, it was in the 20th century that the work was translated and edited at large in Brazil. This article aims at continuing the publicity of some of the results from the doctoral research that is being developed in the Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit), in the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), developed with Capes/DS aid. In general, the research approaches the role of some paratexts (GENETTE, 2009), such as preface, postface, back cover, and flap, in the reading of a literary work. However, our objective with this text will be to present a panorama of the Brazilian editions of Dante's *Commedia* in the 20th century, bearing in mind their translators and preface writers. In the current research level, 13 editions catalogued by the Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana Traduzida no Brasil (DBLIT) were chosen. With the information obtained from the translators and preface writers, most of them from the paratext material presented in the researched editions, we will trace an initial profile of these publications, bearing in mind the contact points and the divergences between them.

**KEYWORDS:** *Commedia*; 20th century; Brazilian editions; Translator; Preface writer.

## 1. Introdução

Este artigo surgiu em decorrência da participação no simpósio “O lugar da palavra: história, política, sociedade em tradução”, integrante do XIX Congresso da ABPI - *Il mondo di Dante e Dante nel mondo: l’eredità linguistica, letteraria e culturale in dialogo con la contemporaneità*, ocorrido no mês de outubro de 2021, em formato remoto, devido à pandemia de Covid-19<sup>1</sup>.

Antes de adentrarmos no conteúdo central desta publicação, faz-se importante refletirmos, mesmo que brevemente, a respeito do título do simpósio. Qual lugar a palavra pode ocupar?

Um dos lugares possíveis é o livro, que é considerado como

[...] um dos mais poderosos instrumentos de que pôde dispor a civilização ocidental para concentrar o pensamento disperso de seus representantes, conferir toda a eficácia à meditação individual dos pesquisadores, ao transmiti-la logo a outros pesquisadores; reunir, segundo a conveniência de cada um, e sem demora nem dificuldades, nem despesas, esse concílio permanente de grandes espíritos de que falou Michelet tem termos imorredouros; conferir-lhe assim um vigor centuplicado, uma coerência completamente nova e, por isso mesmo, um poder incomparável de penetração e de irradiação; assegurar, num tempo mínimo, a difusão das ideias através de todo o domínio ao qual obstáculos de escrita e de língua não proíbem o acesso; criar, além disso, entre os pensadores e, além de seu pequeno círculo, entre todos os que usam o pensamento, novos hábitos de trabalho intelectual: numa palavra, mostrar, no Livro, uma das formas mais eficazes desse domínio do mundo. (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 51)

Dessa maneira, o livro assume o *status* de instrumento que contribui não só para o registro do conhecimento humano, mas, também, para sua difusão, pois ele, desde seus primórdios, foi capaz de atravessar territórios e séculos. Tenhamos como exemplo a *Commedia* de Dante Alighieri que, após séculos de existência, ainda evoca novas pesquisas, novos olhares, novos conhecimentos.

Sabemos que a Itália do tempo de Dante não constituía uma nação tal qual conhecemos hoje, mas sim um conjunto de territórios fragmentados, divididos e em constante disputa pela detenção do poder. Nesse contexto, qual seria o espaço da palavra? Apesar do latim ser considerado, naquela época, a língua oficial, é sabido que ele era a língua oficial do poder, seja do político,

---

1 Desde março de 2020, segundo determinação da Organização Mundial da Saúde (OMS), o mundo vive sob os efeitos da pandemia do Covid-19 (doença causada pelo coronavírus).

seja do religioso, mas não a língua do cotidiano para a população em geral. No dia a dia, nas ruas, o que se falava e o que se escutava recebeu o nome de vulgar (ou seriam vulgares, pois também sabemos da diversidade desses).

Dante, conhecedor da língua latina e de tantos outros saberes, na busca por uma língua acessível à maior parte das pessoas, contribuiu para o processo de estruturação do que hoje conhecemos por língua italiana.

Mas, sobre o que versava essa língua de Dante? Lançando mão do subtítulo do simpósio, essa língua escrita na *Commedia* era a tradução de uma sociedade, de sua história e de sua conturbada política.

No Brasil do século XIX, período no qual encontram-se as primeiras versões em português da *Commedia* de Dante, tínhamos como cenário um público leitor incipiente, uma vez que a população que aqui se encontrava era quase que, na sua maioria, analfabeta. Situação essa que foi mudando com o passar dos anos, motivada pela instalação da coroa portuguesa em solo brasileiro, que trouxe consigo uma elite letrada, e fundou a Imprensa Régia no Rio de Janeiro e centros de ensino formal.

Já no século XX, o público leitor brasileiro, formado em sua maioria nas escolas, já estava mais encorpado e, por consequência, o mercado editorial no país já se consolidava. Nesse período, as produções que tinham destaque eram as de livros didáticos (CASTELAN, 2013).

Partindo dessa breve premissa histórica, em nossa pesquisa, nos propusemos a entender qual o papel desempenhado por alguns tipos de paratextos em uma obra literária. No nosso caso, a obra literária escolhida foi a *Commedia*, e o *corpus* são os prefácios, os posfácios, as quartas capas e as orelhas das edições das traduções publicadas no Brasil do século XX.

No início de nossa caminhada, objetivando saber quantas e quais eram as traduções da *Commedia* existentes no Brasil, escolhemos como base de consulta o Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana Traduzida no Brasil (DBLIT). O DBLIT é um projeto que se iniciou em 2010, por meio de uma parceria entre pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade de São Paulo (USP), e que hoje possui pesquisadores de diversas outras instituições de ensino superior<sup>2</sup>. Nessa fase, havíamos selecionado 24 edições listadas pelo projeto. Entretanto, um momento da história, que todos conhecemos, fechou os acervos, as bibliotecas e impediu as viagens, dificultando nosso acesso às edições pré-selecionadas. Concentramos então nossa análise nas edições cujo acesso nos foi possível, ou seja, 13 edições, consultadas no DBLIT até dezembro de 2020. Das 11 edições restantes, possuímos apenas alguns dados. Dessa forma, como as informações ainda são incompletas, nesse momento, preferimos não as utilizar.

---

2 Informações sobre o projeto podem ser encontradas em: <https://www.dblit.ufsc.br/>.

Nosso percurso, identificado e traçado a partir das edições da *Commedia* no Brasil, inicia-se no final do século XIX, quando da publicação do *Ramalhete poético do parnaso italiano*, de Luiz Vicente De Simoni. Pedro Falleiros Heise (2007) e Maria Teresa Arrigoni (2011) apontam que De Simoni era italiano de nascença e médico de profissão. Possuía uma ligação com o Império, uma vez que veio ao Brasil, em seguida foi apresentado a Dom João VI e, pelas mãos de Dom Pedro I, assumiu a direção dos hospitais do Estado e foi responsável pela educação das filhas de Dom Pedro II (CENNI, 2003). A tradução de De Simoni contém 6 Cantos em verso: o Canto inicial de cada uma das três partes (*Inferno*, *Purgatório* e *Paráiso*), os versos de 70 a 142 do Canto V do *Inferno*, o início do Canto XXXIII do *Inferno* até o verso 88, e o Canto XXXI do *Paráiso* (HEISE, 2007). Dessa obra se diz que foi uma homenagem de De Simoni em comemoração às bodas do Imperador e sua esposa, a imperatriz Teresa Cristina (WATAGHIN, 2013).

Aproximando-nos do século XX, por volta dos anos 1888, temos a considerada primeira publicação integral da tradução da *Commedia*, realizada pelo baiano Barão da Villa da Barra, e publicada pela Imprensa Nacional. O Barão, nascido Francisco Bonifácio de Abreu em 1819, foi apresentado na edição da *Commedia* de 1907, feita pela editora Garnier, na *Advertencia do Editor*, como “...poeta, escritor e homem de sciencia de entre os mais notaveis de seu tempo, e uma das mais puras glorias intellectuaes do Brazil” e “ilustre poeta, cientista e medico bahiano...” (GARNIER, 1907, p. V).

Ao final do século XIX, também se tem notícia da publicação do *Inferno*, com tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, e edição de José Luiz de Freitas, ex-cunhado de J. A. Xavier Pinheiro, filho do tradutor. A respeito do tradutor, na edição de 1907, temos a seguinte apresentação:

Nasceu na capital da ex-provincia da Bahia de S. Salvador aos 12 de outubro de 1822. Seu pae foi rico negociante e, devido á traição de um amigo em que confiára quasi que todos os seus haveres para a realização de transacção de alta monta, ficou pobre, quasi que na miseria e meu pae, que tinha então seus 14 para 15 annos, viu-se impossibilitado de continuar os seus estudos de humanidades, que estavam em gráu adiantado. Filho dedicado e amantissimo, vendo seus progenitores na dura contin-gencia, depois de certo conforto e bem estar, obrigados a trabalhar para tirar a substancia quotidiana, não quis ser mais pesado áquelles que tanto se esforçavam para completar a sua educação litteraria. Revestido de coragem, abandonou o aconchego de seu lar tristonho e na penuria, foi leccionar o que sabia em varias fazendas de amigos de seu pae, que o acolheram de braços e bolsas abertos. (PINHEIRO, 1907, s/p.)

Segundo o prefácio que consta nessa edição, Xavier Pinheiro dedicou-se à tradução da *Commedia* a partir de dezembro de 1874, após estímulo de seu amigo, Machado de Assis, que havia publicado a tradução de um Canto do *Inferno* em uma edição do jornal *Globo* daquele

ano. A conclusão dessa tradução de Xavier Pinheiro se deu em janeiro de 1882, já a publicação integral ocorreu apenas em 1907<sup>3</sup> (PINHEIRO, 1907).

Assim, do século XIX, destacamos essas três traduções. Apesar de mencionarmos apenas essas, isso não quer dizer que não existam outras, contudo, se trata de traduções de trechos esparsos, como aqueles traduzidos por D. Pedro II e Machado de Assis, por exemplo, ou de alguma das três partes da *Commedia*.

Já no século XX, de acordo com nossas pesquisas, no acervo do DBLIT, selecionamos 13 edições. Para melhor explanarmos nossas observações a respeito dessas, optamos por apresentá-las em um quadro (Quadro 1). Como é possível ser verificado a seguir, o quadro é composto por quatro colunas: a primeira com o ano de publicação da edição da tradução, na segunda mencionamos a editora responsável pela publicação, seguida do tradutor e do prefaciador.

**Quadro 1** – Lista de algumas edições de traduções da *Commedia* no Brasil no século XX

Ano	Editora	Tradutor	Prefaciador
1907	Garnier	Barão da Villa da Barra	H. Garnier
1907	Typographia da Imprensa Nacional	José Pedro Xavier Pinheiro	J. A. Xavier Pinheiro
1918	Jacinto Ribeiro dos Santos	José Pedro Xavier Pinheiro	Jacinto Ribeiro dos Santos J. A. Xavier Pinheiro
1920	Livraria Americana	Eduardo Guimaraens	Eduardo Guimaraens
1930	Livraria João do Rio	Joaquim Pinto de Campos	Joaquim Pinto de Campos
1931	Livraria João do Rio	César Augusto Falcão	-
1942	Edições Cultura	Barão da Villa da Barra	José Pérez
1946	Leia Edigraf	José Pedro Xavier Pinheiro	Antonio Piccarolo
1947	Aurora	Malba Tahan	João Batista de Mello e Souza
1976	Fontana/ Instituto Italiano de Cultura	Haroldo de Campos	Haroldo de Campos

3 Xavier Pinheiro terminou a tradução da *Commedia* em 1882, poucos meses antes de falecer. Contudo, por falta de interesse editorial, bem como das idas e vindas de trâmites políticos, a obra só foi publicada integralmente, pela primeira vez, em 1907.

Ano	Editora	Tradutor	Prefaciador
1976	Itatiaia/Edusp	Cristiano Martins	Cristiano Martins
1998	Editora 34	Italo Eugenio Mauro	Carmelo Distante Italo Eugenio Mauro

Fonte: Das autoras (2022).

Especificamente neste artigo, iremos nos deter nos tradutores, prefaciadores e seus respectivos prefácios. Sobre as editoras, as abordamos em artigo anteriormente publicado, junto com outros dados referentes ao início da pesquisa<sup>4</sup>. Já a respeito dos demais materiais paratextuais selecionados, a nosso ver, não compõem um volume textual consubstancial para a presente exposição.

Logo nos primeiros anos do século XX, temos a publicação de uma edição integral, pela editora francesa, mas instalada no Rio de Janeiro, Garnier, cuja tradução foi feita pelo Barão da Villa Barra. Essa edição, de 1907, traz o prefácio creditado ao editor, H. Garnier, intitulado *Advertencia do Editor*. Provavelmente o editor seja Hippolyte Garnier que, junto com seus irmãos, foi responsável pela edição de livros na França e no Brasil.

O prefácio possui 12 páginas, numeradas a partir da segunda página. O texto, em prosa, é iniciado com uma menção à primeira edição da tradução da *Commedia*, feita pelo Barão da Villa da Barra que, segundo o editor, encontrava-se “ha muitos annos esgotada” (GARNIER, 1907, p. V), o que teria motivado sua publicação, acrescida do fato de que:

[...] resolvi reimprimil-a certo de que assim procedendo prestarei inestimavel serviço ás letras brasileiras e ao publico legente, que de ha muito se via privado das bellezas primaciaes de tão notavel trabalho, quer pela rigorosa fidelidade da traducção, quer pelo purismo da linguagem. (GARNIER, 1907, p. V)

Ao longo do texto, ao se falar da tradução, são atrelados a ela comentários elogiosos como “primorosa”. Elogios esses também existentes ao se referir ao tradutor, considerado “homem de sciencia de entre os mais notaveis de seu tempo” (GARNIER, 1907, p. V). Na sequência de seu texto, o editor aborda um pouco das características da tradução feita pelo Barão, mencionando algumas outras traduções, seja de forma integral ou parcial, e seus respectivos tradutores. Em seguida, H. Garnier apresenta uma citação sobre a obra de Dante. Segundo ele, essa citação

---

4 O outro artigo, aquele que trata das questões relativas ao início da pesquisa, foi publicado também na Revista de Italianística, cuja referência é: Cechinel, F. M. (2022). A Divina Comédia de Dante Alighieri: um percurso pelo Brasil do século XX. *Revista De Italianística*, (43), 99-113. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.i43p99-113>.

foi retirada do prefácio da primeira edição, provavelmente o editor está se referindo à edição de 1888 da Imprensa Nacional. Tal trecho, que irá ocupar a *Advertencia* deste ponto - segunda página - até o seu final, refere-se “a monumental encyclopedía allemã de Meyer, *Konversations Lexikon*, e cuja versão devemos ao ilustre Dr. José Carlos Mariani, que a fez propositamente para primeira edição desta traducção de seu glorioso tio” (GARNIER, 1907, p. VI).

O Brasil de 1907 também viu a publicação de outra tradução da *Commedia*, mas agora feita por José Pedro Xavier Pinheiro, editada pela Typographia do Instituto Profissional Masculino.

Nessa edição, o prefácio, sem título, apenas datado de abril de 1903, foi escrito por J.A. Xavier Pinheiro, filho do tradutor. O texto, em prosa, com letras em itálico, foi desenvolvido em 15 páginas não numeradas, que podemos dividir em três partes: breve biografia do tradutor, apresentação do processo tradutório e o percurso para a publicação da tradução.

De J. A. Xavier Pinheiro, além do fato de ser filho do tradutor, informação essa constante na própria edição, sabemos apenas que dedicou boa parte de sua existência para ver publicada a tradução em formato integral de seu pai e, segundo duas correspondências, datadas de novembro e dezembro de 1918, encontradas no acervo da Biblioteca Nacional, foi Major e atuou como Secretário da Assistência Judiciária Militar no Brasil, no Rio de Janeiro<sup>5</sup>.

Já no ano de 1918, a edição de Xavier Pinheiro novamente é publicada, mas agora através do amigo e editor Jacintho Ribeiro dos Santos. Dos Santos, que assina, nesta edição, a *Explicação do editor sobre a presente edição*, era proprietário da Livraria Popular, voltada à venda de livros mais baratos destinados ao público de massa, além de se destacar pela publicação de livros didáticos (SILVA, 2009).

Além da *Explicação do editor sobre a presente edição*, encontramos a repetição do prefácio da primeira edição – com alguns acréscimos no texto – e outro prefácio referente à edição que estava sendo lançada.

A *Explicação do editor sobre a presente edição*, desenvolvida em cinco páginas não numeradas, é escrita em prosa com letras em itálico. Aqui, o editor tece consideráveis elogios ao tradutor e à tradução. O editor, ao longo de sua explicação, não cita Dante, nem aborda algo a respeito da *Commedia*, apenas refere-se à grandiosidade do poema.

No prefácio, *Da primeira edição*, escrito em prosa, letras em itálico, quarenta e oito páginas não numeradas, somos remetidos ao prefácio publicado pela Typographia Nacional em 1907 pela semelhança entre os textos. No entanto, percebemos que são incluídos, ao longo do texto, três outros, que foram publicados em jornais da época: um artigo de Luiz Murat, intitulado *Um livro esquecido*, publicado em 18 de maio de 1900 pelo jornal *A Tribuna*; uma *Carta Aberta* de autoria de Gustavo Santiago, publicada na *Gazeta do Commercio*, em 29 de maio de 1902; e,

---

5 As correspondências foram gentilmente disponibilizadas pela Biblioteca Nacional para fins de leitura.

por fim, um outro texto de Luiz Murat, *Carta Aberta*, publicado em 22 de agosto de 1901, n.º A *Tribuna*. Esses três textos foram mencionados no prefácio da Typographia, no entanto, constam apenas no prefácio de 1918. No mais, o prefácio continua o mesmo, com poucas alterações semânticas, feitas possivelmente para possibilitar a inclusão desses três textos.

No prefácio *A segunda edição*, também de autoria J. A. Xavier Pinheiro, ao longo de sete páginas não numeradas, portanto, bem mais sucinto que o prefácio anterior, no texto em prosa e com letras itálicas, versa-se a respeito do que houve após a primeira edição.

No início da década de 1920, chega ao público, pela gaúcha Livraria Americana, a tradução do Canto V do *Inferno*, feita pelo também gaúcho, o jornalista e poeta simbolista, Eduardo Guimaraens<sup>6</sup>. Nessa edição, o tradutor também é o prefaciador. O prefácio, sem título, composto por cinco parágrafos, ocupa duas páginas não numeradas. O texto, em prosa, está em itálico, com exceção das seguintes palavras: “Commedia”, “a vizio di lussuria”, “la bufera infernal che mai non resta” – essa aparece em forma de citação, fazendo referência ao Canto V do *Inferno*, “Prima Cantica” e “colori-a com meu melhor sangue”. No prefácio, dedicado ao amigo do tradutor, o poeta e jornalista, Mansueto Bernardi, Guimaraens inicia seu texto estabelecendo um diálogo com seu amigo, falando-lhe brevemente do primeiro Canto do *Inferno* e, depois, narrando-lhe o sucedido com Paolo e Francesca. Na sequência, fala da sua tradução e, para finalizar, retoma o diálogo com seu amigo.

Nos anos de 1930, a Livraria João do Rio publica, em fascículos, o *Inferno*, cuja tradução ficou a cargo do padre pernambucano Joaquim Pinto de Campos, e o *Purgatório*, traduzido por Cezar Augusto Falcão, cujos dados nada sabemos. A respeito da publicação do *Paraíso* pela João do Rio, ela chega a ser anunciada, contudo, dessa edição em específico, por enquanto, não encontramos nenhum exemplar. Sabemos que, por volta da década de 1950, essas traduções aparecerão na coletânea *Obras Completas: contendo o texto original e a tradução em prosa portuguesa*, em dez volumes, pela Editora das Américas (ARRIGONI, 2011).

Do aparato paratextual do *Inferno*, bastante volumoso, feito, em sua maioria, pelo próprio tradutor, destacamos o prefácio, *A Divina Comedia*, que acompanha os fascículos de 2 a 6. No total, são sete páginas numeradas. O texto, em prosa, é de uma leitura mais exigente, na qual o prefaciador tradutor deixa evidente toda sua erudição, característica, possivelmente, oriunda de sua formação e atuação religiosas. Campos não entra no seu escopo enquanto tradutor, nem no seu trabalho tradutório, ele opta por prefaciado *O Inferno* poeticamente, com um tom teórico. Para tanto, traz inúmeras referências externas à obra a respeito da religião católica, para então resumir a vida de Dante e a *Commedia*.

---

6 A família de Eduardo Guimaraens possui um projeto para divulgação de sua obra, que pode ser acessado pelo site <https://www.eduardoguimaraens.com.br>. Inclusive, a edição com a tradução do Canto V do *Inferno* encontra-se disponível no site.

O curioso é que, por diversos momentos, nas propagandas ao longo dos fascículos, a editora faz questão de reforçar o caráter popular das suas publicações, principalmente devido ao preço baixo, segundo sugere a editora nas propagandas, o que entra em contradição ao pensarmos na linguagem utilizada no prefácio. Já no *Purgatório*, na edição consultada, não encontramos nenhum prefácio, apenas algumas esparsas publicidades.

Se, nos anos finais do século XIX, o Brasil viu a publicação de traduções do Barão e de Xavier Pinheiro, na primeira década do século XX tal fato se repete, mas agora com versões integrais de ambos. Nos anos 1940, novamente se tem publicações desses tradutores. Em 1942, a Edições Cultura publica uma edição com a tradução do Barão e prefácio de José Pérez, e a Leia e a Edigraf também publicam uma nova edição da tradução de Xavier Pinheiro, com prefácio de Antonio Piccarolo.

José Pérez, apesar de ter prefaciado uma das edições da *Commedia* no Brasil, tem seu nome ligado à figura de *Dom Quixote*, como estudioso da obra de Cervantes (FONSECA, 2017). O prefácio, intitulado *Dante e a poesia universal*, é numerado a partir da segunda página. O ensaio, como o próprio Pérez define, é composto por 26 páginas. O texto em prosa está todo grafado em itálico. Nesse prefácio, em nenhum momento há uma referência ao tradutor, nem ao seu trabalho tradutório. Pérez escreve seu texto em tom de poesia e, para apresentar o poeta, lança mão de dois biógrafos de Dante, Giovanni Boccaccio e Giovanni Papini. De um lado, apresenta um Dante deus, imortalizado e imaginado por Boccaccio, de outro, um Dante homem, descrito pelos olhos de Papini. Duas faces, duas versões de um mesmo escritor.

Já nas edições de 1946, na folha de rosto da edição da editora Leia, menciona-se que Antonio Piccarolo era “Professor Emérito da Escola Livre de Sociologia e Política”. Sabemos também que Piccarolo prefaciou a edição da *Vida Nova*, da Athena Editora, em 1937, traduzida por Paulo M. Oliveira e Blasio Demetrio, pseudônimo adotado por Fúlvio Abramo, e traduziu *Da Monarquia*, em 1950, junto com Leonor Aguiar, publicada pela W. M. Jackson (ARRIGONI, 2011).

O prefácio de Piccarolo, *Dante Alighieri e sua obra*, está dividido em seis partes: I - *Florença nos tempos de Dante*, II - *A literatura pré-dantesca*, III - *Notícias biográficas*, IV - *As obras menores de Dante*, V - *A Divina Comédia* e VI - *Dante em Portugal e no Brasil*. Esse prefácio é bastante extenso, contendo cinquenta e duas páginas, indicadas em algarismos romanos a partir da segunda página. Todo o texto está disposto na página sempre em duas colunas, apenas os títulos principais de cada subitem aparecem centralizados.

Na primeira parte, Piccarolo apresenta ao leitor a história política da Itália na época de Dante, as disputas entre Império e Papado, que começaram muito antes de Dante, mas que incidiram sobre seu exílio. Piccarolo não se dirige diretamente ao leitor, porém, deixa transparecer a importância de se saber a história da época para entender a obra dantesca.

A segunda parte é reservada a uma retrospectiva das artes que criaram o terreno para que a genialidade de Dante pudesse florescer,

[...] passamos sem mais, a traçar breve desenho da cultura toscana, início da verdadeira literatura italiana, que precede e, em parte, prepara o meio ambiente onde Dante desenvolverá sua atividade, tanto pelo que diz respeito à formação lingüística, como à literatura propriamente dita. (PICCAROLO, 1946, p. XIV)

As artes apresentadas são: a literatura, a arquitetura, a pintura e a música. Sobre a literatura, Piccarolo apresenta, como uma pré-literatura italiana, as produções oriundas da Sicília, contudo, segundo o prefaciador, a literatura italiana é iniciada na região da Toscana, tendo como centro as cidades de Florença e Bolonha. Também são dedicadas algumas linhas à arquitetura, tanto aquela vista nos edifícios como nas pontes, que manifestavam o desenvolvimento da cidade de Dante. Outro elemento apontado como influenciador da escrita dantesca é a pintura, por meio dos pintores renascentistas Cimabue e Giotto di Bondone. A música, chamada de *ars nova florentina*, assim conhecida por oposição à *ars antiqua*, em referência à escola francesa, teve como verve a vida citadina sem ligação com a música sacra.

Na terceira parte, Piccarolo retoma a história de Florença, mas mesclando com pontos da vida do próprio Dante. E, nessa espécie de biografia dantesca, utiliza-se de trechos da *Commedia*, da *Vita Nuova* e do *De vulgari Eloquentia*. Utiliza muitas contribuições também de Francesco de Sanctis, estudioso que é referência em se tratando do escritor florentino; Boccaccio, tido como primeiro biógrafo de Dante; e de Petrarca, admirador da obra dantesca. Ao ler atentamente essa terceira parte, a impressão que se tem é de que as partes que compõem o prefácio foram feitas em momentos diferentes e não passaram por uma revisão, já que há explicações que se repetem. Um exemplo é a explicação sobre o *Tesouro*, de Brunetto Latini, que aparece em um momento da segunda parte e, cerca de quatro páginas à frente, na terceira parte, encontra-se a mesma explicação. A única diferença fica por conta da grafia da citação utilizada, em uma aparece “sieto raccomandato” e na outra aparece “sieti racomandato”. Caso isso tenha sido causado por alguma falha na revisão, tal equívoco também ocorre na edição da Edigraf, corroborando, novamente, com nosso pensamento de que são duas edições idênticas e de que pode haver uma relação entre as editoras.

A quarta parte é dedicada a apresentar ao leitor, brevemente, o conteúdo das outras obras, ditas “menores”, de Dante: *Convivio*, *De Monarchia*, *Vita Nuova*, *Cancioneiro*, *De vulgari Eloquentia*, *Écloga responsiva* e *Quaestio de acqua et terra*.

A quinta parte, dedicada à *Commedia*, é a mais densa, não só pela quantidade de páginas, mas também pelo conteúdo que traz. Nesse item, o leitor encontrará um resumo minucioso da *Commedia*, como a obra está estruturada, citações, fontes... Além do resumo, há possíveis interpretações dos elementos que aparecem na obra. Para lhe auxiliar nesse resumo, Piccarolo cita personalidades que aparecem na própria *Commedia*, além de estudiosos mencionados nas partes antecedentes e acrescenta ainda informações dos italianos Benedetto Croce e Niccolò Zingarelli.

A quinta parte é subdividida em outras cinco e encontramos nelas informações mais específicas conforme os subtítulos: 1º - Origem e formação da Divina Comédia: traz dados sobre o título da obra, de sua mudança de *Commedia* para *Divina Commedia*. 2º - Topografia da Divina Comédia: há uma explicação do arranjo topográfico da obra. 3º - A alegoria na Divina Comédia: abordam-se as alegorias que aparecem no texto. 4º - Ciência e Religião na Divina Comédia: irá tratar da relação da ciência e da religião na obra de Dante. 5º - A arte e a poesia na Divina Comédia: apresenta Dante como poeta, e Piccarolo reconhece que seu prefácio já está longo demais: “Mas seja como fôr, não nos permitindo os limites de um prefácio já, talvez, demasiadamente longo, aprofundar essa questão puramente estética [...]” (1946, p. LIX).

Para fechar o prefácio, a sexta parte é dedicada a tratar da *Commedia* em Portugal e no Brasil. Ao falar da tradição dantesca em Portugal, o prefaciador faz uma aproximação entre Dante e Luiz Vaz de Camões. Já, ao tratar do Brasil, traz que a herança dantesca aqui deixada é oriunda de Portugal. Nos últimos parágrafos, Piccarolo apresenta o tradutor, informando que essa se trata da terceira edição de uma publicação contendo a tradução dele. Nessa apresentação, apesar de menos detalhada, percebe-se que o texto base foi tirado do prefácio da primeira edição, feito por J. A. Xavier Pinheiro. Esse dado é apontado pelo próprio Piccarolo. Ao falar em específico de Xavier Pinheiro, Piccarolo diz que o tradutor, em certos pontos de seu trabalho, atenuou a tradução para não ofender o ouvido do leitor brasileiro. E, diferentemente dos prefácios anteriores, dedicados a uma edição com tradução de Xavier Pinheiro, essa é a menção mais direta a respeito da tradução.

Piccarolo menciona, mas não especifica, a existência de dificuldades no momento da publicação:

O lado tipográfico-editorial, com geniais ilustrações de G. Doré, verdadeiras interpretações do texto, representa o que se pode chamar de iniciativa audaciosa, sobretudo diante das dificuldades da hora que estamos atravessando. (PICCAROLO, 1946, p. LXII)

Podemos pensar que possam ter se originado por algum trâmite burocrático, interno à editora, ou sejam relacionadas à republicação da obra e, até mesmo, de forma mais ampla, ao mercado editorial, como alguma espécie de crise, por exemplo. Por fim, podemos perceber que, mais que um prefácio, Piccarolo traz, ao leitor dantesco do final da primeira metade do século XX, um amplo estudo sobre Dante Alighieri, a *Commedia* e os fatos no entorno do autor e da sua obra.

Ainda na década de 1940, a Editora Aurora publica uma tradução do carioca Julio César de Mello e Souza, ou melhor, Malba Tahan, um conhecido matemático brasileiro (GABRIEL, 2020). Malba Tahan tem sua tradução prefaciada por seu irmão, João Batista de Mello e Souza, de pseudônimo J. Meluza, que atuou como jornalista, funcionário público federal, professor e escritor (GABRIEL, 2020).

O primeiro volume, cujo material prefacial verificamos nessa pesquisa, é composto por uma diversidade de materiais paratextuais. O primeiro é de autoria dos editores, *Nota dos editores*, cujo conteúdo, exposto em duas páginas, refere-se ao tradutor, Malba Tahan, sua tradução e a publicação dessa tradução pela editora. Segue-se a isso um agradecimento, assinado pelo tradutor, às pessoas que lhe ajudaram de alguma forma para que a tradução pudesse ser realizada. Na sequência, encontramos o prefácio, em prosa, com cerca de trinta páginas numeradas, e dividido em quatro blocos que, por sua vez, também se subdividem, todos devidamente intitulados: *A Itália: da queda do Império Romano à época em que viveu Dante*, *Dante Alighieri*, *A Divina Comédia* e, por fim, *O Inferno dantesco*.

A parte *A Itália: da queda do Império Romano à época em que viveu Dante* traz um percurso histórico da Itália. Em *Dante Alighieri*, encontramos uma breve biobibliografia do autor da *Commedia*. Já em *A Divina Comédia*, há, além de um resumo da obra, informações importantes sobre outros escritores que tiveram na *Commedia* sua fonte de inspiração, bem como de traduções brasileiras do poema de Dante. Por fim, n' *O Inferno dantesco*, nos deparamos com um resumo dos Cantos do *Inferno*, com seus círculos e seus ilustres habitantes.

Avançando para 1976, a editora Fontana e o Instituto Italiano de Cultura publicam os *6 Cantos do Paraíso*, traduzidos pelo poeta concretista Haroldo Eurico Browne de Campos ou simplesmente Haroldo de Campos. Nesse paratexto, assinado pelo próprio tradutor, consta a indicação dos seis Cantos do *Paraíso* que foram por ele traduzidos: I, II, XIV, XXIII, XXXI e XXXIII, bem como a forma como foram traduzidos, segundo Campos, por meio de uma “tradução criativa”.

Ainda no ano de 1976, a editora Itatiaia, em parceria com a Edusp, publica uma versão integral da *Commedia*, com tradução e prefácio do professor universitário e poeta mineiro Cristiano Martins. O prefácio, *Vida atribulada de Dante Alighieri*, com setenta e quatro páginas numeradas, é a reunião de conferências proferidas pelo tradutor em 1957.

O prefácio é dividido em seis partes numeradas e intituladas: I – *O tempo, a terra. Nascimento e infância. Primeiros estudos. A visão de Beatriz*. II – *Adolescência. A paixão juvenil. A composição da Vida Nova. A morte de Beatriz*. III – *Novas experiências e estudos. Dívida e inquietude. A luta entre Brancos e Negros. A iniciação política*. IV – *O exílio. O início da composição da Comédia. O refúgio de Verona*. V. *A empresa de Henrique VII. O sonho da restauração imperial. O mito do Veltro* e VI. *Última fase. Verona, Lucca e Ravena. A conclusão da Comédia. A missão em Veneza. A morte do poeta*.

Aqui Martins pouco trata da *Commedia*. Não há, por exemplo, um resumo da obra, seus círculos e suas personalidades. Durante todo o texto, Martins intercala história da Itália e vida de Dante, fazendo um vai e vem constante.

Fechando o século XX, temos a tradução do paulista e estudioso de Dante, Italo Eugenio Mauro, editada pela Editora 34. O *Prefácio* ficou a cargo do professor italiano Carmelo Distante, traduzido para o português por Neide Luzia de Rezende. O texto está escrito em prosa e disposto ao longo de 11 páginas numeradas. Inicia-se com um alerta sobre a leitura do poema: “Ler, e sobretudo entender, a *Comédia*, não é algo fácil” (DISTANTE, 1998, p. 7). Segue-se com uma

explicação sobre o porquê do título *Comédia* e depois o acréscimo de *Divina*. A conclusão desse primeiro parágrafo novamente chama atenção para a leitura, não tão fácil da obra, tendo em vista o leitor do século XX, mas também aquele do século vindouro:

Requer, pois, esforço intelectual árduo, a nós, homens modernos que estamos para entrar no século XXI, entender um grande poeta que pode, e deve, ser considerado como a síntese suprema de toda a cultura medieval, a qual soube traduzir em poesia sublime. (DISTANTE, 1998, p. 7)

Na sequência do texto, é desenvolvido o pensamento do porquê ler a *Commedia* seria uma tarefa mais exigente ao leitor do século XX. Distante logo exclui a questão da língua como um impeditivo, desenvolvendo seu pensamento pelo viés da distância temporal existente entre o leitor e a obra. Para tanto, ressalta as mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos séculos e que impactaram também no modo de pensar da humanidade.

A certa altura do texto, Distante menciona brevemente a possível influência árabe na escrita da *Commedia*, alusão também feita no prefácio de Pérez (1942). Na sequência, o prefaciador aborda a biografia do escritor florentino, bem como suas obras, e dá um panorama histórico da Florença da época do poeta. Logo após, adentra no enredo da *Commedia*, apresentando um breve resumo pelo viés da simbologia da obra. As últimas páginas são dedicadas a “examinar o extraordinário valor poético dessa obra” (DISTANTE, 1998, p. 14), trazendo a questão das imagens nela contidas. Distante retoma o pensamento do olhar para a *Commedia* como uma catedral, comparação desenvolvida também pelo poeta inglês Henry Wadsworth Longfellow em seu poema *Divina Commedia*, que fora citado por Haroldo de Campos na edição de 1976. Finalizando, Distante retoma a questão da língua e, dessa forma, conclui seu texto.

Nos três volumes, dedicados às três partes da obra, existe uma *Introdução*, assim intitulada, de autoria de Italo Eugenio Mauro, cujo conteúdo, um breve resumo, são os mesmos textos que aparecem nas quartas capas, salvo algumas pequenas alterações.

Após esse contato inicial com as edições das traduções da obra dantesca no século XX brasileiro, faz-se possível traçar algumas considerações.

A primeira que gostaríamos de mencionar é a escassez e a disparidade de informações a respeito de quem são esses tradutores e prefaciadores. Outro importante fato a se destacar são as sutis diferenças encontradas na grafia de seus nomes, bem como nas abreviações ao mencioná-los, dificultando, por vezes, o acesso a informações a respeito de cada um deles. Tal fato nos leva a pensar ou numa falta de preocupação em dar reconhecimento às pessoas envolvidas nessas edições ou até mesmo na falta de uma revisão mais atenta desses textos.

A respeito das edições da *Commedia* no Brasil, percebemos certa mudança com o passar dos anos. Possivelmente, as primeiras, que continham as traduções do Barão da Barra e de Xavier Pinheiro, possuíam um caráter mais político, compreendido aqui como o possível uso atribuído a essa publicação. Nos prefácios de J. A. Xavier Pinheiro, encontramos ataques dirigidos ao

governo e à imprensa, por não reconhecerem, como ele gostaria, as edições com tradução de seu pai. Nosso entendimento é de que essas produções prefaciais, possivelmente, foram feitas não com vistas a fornecer uma obra literária ao público leitor, mas de mostrar à sociedade ou a um determinado grupo social que Xavier Pinheiro havia traduzido uma obra de grande relevância. Por isso acreditamos que J. A. insiste na publicação da tradução de forma a se fazer cumprir a lei municipal que previa tal ação.

Ao nos aproximarmos do final do século XX, as traduções da *Commedia* ganharam um caráter mais acadêmico, pois foram feitas ou por professores universitários, como é o caso de Cristiano Martins, ou por tradutores e estudiosos de Dante, a exemplo de Italo Eugenio Mauro. Tendência essa que parece continuar no século XXI, quando novas edições vêm sendo publicadas e apresentam tradutores com esse mesmo perfil.

A respeito da motivação em se traduzir a *Commedia*, com exceção de Xavier Pinheiro que, segundo o filho do tradutor nos apresenta em seu prefácio, teria sido incentivado por Machado de Assis, seu amigo e colega de trabalho, a dar continuidade a essa tarefa, e a de Italo Eugenio Mauro, cuja nota do tradutor da edição de 2014 indica que assumiu essa tarefa a partir de um desafio lançado por um amigo, dos outros tradutores não temos nenhuma informação. Tal falta de informação pode nos levar a pensar em dois caminhos para a tradução: ou uma vontade individual do próprio tradutor ou por interesse editorial, o que, talvez, pudesse envolver a questão mercadológica.

Sobre os prefaciadores, temos parentes, terceiros e/ou o próprio tradutor. Isso pode nos remeter a pensar em diversas possibilidades como, por exemplo, ser uma forma da família prestar uma homenagem ao seu familiar; o tradutor, por ter traduzido a obra, ter mais propriedade para falar sobre o texto; a escolha de alguém conhecido no meio literário ou cultural, o que poderia dar maior visibilidade e/ou credibilidade à edição.

No que tange ao conteúdo dos paratextos aqui identificados, não conseguimos encontrar um padrão, algo que caracterize ou defina os prefácios da obra dantesca no Brasil, uma vez que eles falam dos mais variados argumentos. Alguns possuem poucos parágrafos, outros mais de 70 páginas. Uns foram pensados para serem prefácios, outros acabaram se tornando prefácios, seja por escolha do tradutor ou dos editores. Alguns quase nada ou muito pouco mencionam sobre o autor e sua obra.

Pensando em criar uma linha do tempo a respeito da *Commedia* traduzida no Brasil, poderíamos dividi-la em três grandes momentos: 1) O século XIX: quando temos a notícia das primeiras traduções para a língua portuguesa da *Commedia*, predominando as traduções de cantos esparsos. 2) O século XX: no qual encontramos uma variedade de publicações, inclusive de traduções integrais do poema. 3) E o século XXI: durante o qual estamos vendo tantas outras edições, sendo algumas reedições das traduções do século XX, e outras traduções até então inéditas.

No início do nosso texto, nos propusemos a pensar no lugar que a palavra ocupa. Vimos que, na sociedade de outrora, na Itália de Dante e no Brasil do século XIX, a palavra escrita e a palavra traduzida ajudaram no processo de formação da nação. Hoje, podemos ver que a palavra

continua exercendo um papel de destaque, seja para o registro da memória, seja para a divulgação da cultura, seja para a (re)escrita de novas histórias. Enfim, a palavra é uma participante das transformações que vêm ocorrendo no mundo ao longo dos séculos.

De toda forma, o que mais parece importar nesse percurso é que o poema de Dante Alighieri, após 700 anos de sua criação, continua a mexer com o imaginário daqueles que estão dispostos a conhecer e a se aprofundar nas aventuras apresentadas no mundo do *oltretomba*.

## ***Corpus das edições de traduções da Commedia***

ALIGHIERI, Dante. *6 Cantos do Paraíso*. Tradução de Haroldo de Campos, CAMPOS, Haroldo de. São Paulo: Fontana/ Instituto Italiano de Cultura, 1976.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. 3.v., Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998/2014.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. v.1., Tradução de Malba Tahan, Rio de Janeiro: Gráfica e Editora, 1947.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comedia*. Tradução de Barão da Villa da Barra. Rio de Janeiro/ Paris: Garnier, 1907.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Tradução de Barão da Villa da Barra. São Paulo: Cultura, 1942.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Tradução de Cristiano Martins. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1976.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Leia, 1946.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: PINHEIRO, J.A. Xavier. Edigraf, 1946.

\_\_\_\_\_. *Canto Quinto*. Tradução de Eduardo Guimaraens. São Paulo. Livraria Americana, 1920. Disponível em: <https://eduardoguimaraens.com.br/obra>. Acesso em: 28 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Divina Comedia*. 3.v. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Capital Federal: Typografia, 1907.

\_\_\_\_\_. *Divina Comedia*. 3.v. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918.

\_\_\_\_\_. *O Inferno*. Tradução de Joaquim Pinto de Campos. Rio de Janeiro: João do Rio, 1930.

\_\_\_\_\_. *O Purgatorio*. Tradução de César Augusto Falcão. Rio de Janeiro, 1931.

## Referências

- ARRIGONI, M. T. Em busca das obras de Dante em português no Brasil (1901-1950). In: PETERLE, P. (org.). *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão: Copiart, 2011. p. 43-59.
- CASTELAN, I. C. Mercado editorial brasileiro na primeira metade do século XIX: breve panorama. In: PETERLE, P.; SANTURBANO, A.; WATAGHIN, L. (org.). *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Niterói: Editora Comunità, 2013. p. 54-60.
- CENNI, F. *Italianos no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- DISTANTE, C. Prefácio. In: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. 3.v., Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 7-17.
- FEBVRE, L.; MARTIN, H. J. *O aparecimento do livro*. São Paulo: EDUSP, 2019.
- FONSECA, M. G. F. S. *Paratextos de Edições Brasileiras do Quixote*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2017.
- GABRIEL, S. M. S. *João Baptista de Mello e Souza – Trajetórias e memórias de um professor*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2020.
- GARNIER. Advertência do editor. In: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de Barão da Villa da Barra. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1907. p. V-XVI.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- HEISE, P. F. *A introdução de Dante no Brasil: o Ramalhete poético do parnaso italiano* de Luiz Vicente De Simoni (dissertação). USP: São Paulo, 2007.
- PICCAROLO, A. Dante Alighieri e sua obra. In: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: EDIGRAF, 1946. p. XI-LXII.
- PINHEIRO, J. A. X. Prefácio. In: ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Profissional Masculino, 1907.
- SILVA, A. L. da. Mercado Editorial de Livros Didáticos de História do Brasil na Cidade do Rio de Janeiro (1870-1920). In: *Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*, 2., 2009, Niterói, RJ. p. 1-16.
- WATAGHIN, L. Para um mapeamento da recepção da literatura italiana no Brasil. In: PETERLE, P.; SANTURBANO, A.; WATAGHIN, L. (org.). *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Niterói-RJ: Editora Comunità, 2013.

Recebido em: 04/04/2022  
Aprovado em: 04/10/2023